Miguel Torga

A CRIAÇÃO DO MUNDO

4.ª edição
conjunta

D.QUIXOTE

O PRIMEIRO DIA

Tem lêndeas... Tem lêndeas... Tem lêndeas...

E logo minha Mãe:

– Ouves, rapaz?

– Ouço, sim senhora.

Largava tudo, punha a velha saca de lona a tiracolo, de maneira que o lírio roxo ficasse voltado para fora, procurava a boina e saía.

No quinteiro, parava, a inventariar o bornal. A lousa, o livro de leitura da quarta, o caderno de problemas, a aritmética, a caneta, o lápis, a borracha e os regrões. Não faltava nada. Podia seguir.

Subia a quelha, atravessava o Eirô sob a copa do negrilho, cumprimentava o Sr. Arnaldo, sempre de plantão nos cobertos, e diante da loja das Pintas já levava a fralda de fora.

– Anda cá, desinfeliz!

Trangalhadanças e desleixado, punha-lhes os créditos de costureiras pelas ruas da amargura.

A mais velha metia-me a camisa para dentro, endireitava a cruz dos suspensórios, e a caminhada continuava.

A escola, ao fundo do povo, tinha mimosas à roda. Em frente, passava a estrada de macadame, há anos em reparação, que vinha do Porto e seguia até Bragança. Ladeada de montes de brita, arsenal inesgotável e sempre à mão nas corridas à pedrada aos de Anta, era por ela que o Canca, empoleirado na moto, aparecia e desaparecia a cem à hora, numa nuvem de poeira.

– Lá vai o diabo a cavalo no pai! – gritávamos da esplanada do velho casarão rectangular, de um só piso, que servia também de habitação ao mestre, na parte de trás. Com janelas rasgadas a toda a volta, que dum lado deixavam ver o Marão ao longe, muito azul no Verão e muito branco no Inverno, mal se conhecia que em tempos fora caiado. Na frontaria, entre dois moirões a pino, bandeava-se a sineta.

– *Tem lêndeas... Tem lêndeas... Tem lêndeas...*

– *Se as tem, tira-lhas... Se as tem, tira-lhas...* – respondia, quando o vento soprava de feição, a de Fermentões.

Entrava-se pela porta transversa, porque a outra, a principal, sempre com editais pregados a avisar os recrutas da data das incorporações e os lavradores do prazo dos manifestos, dava para o salão nobre onde o senhor professor fazia os casamentos. Uma das testemunhas obrigatórias era o ti Manuel Serralheiro, minhoto, que sabia jogar o pau. Deitava-se no chão, punha os três filhos a malharem-lhe em cima, zurzia-os, e levantava-se do meio das bordoadas sem a mais pequena beliscadura. Tinha a oficina mesmo ali ao pé, e, por comodidade, chamavam-no a ele. Assistia à cerimónia de chapéu na mão, muito compenetrado, e assinava no fim solenemente, como se fosse o sacristão do Registo Civil.

O mestre, encabado nos socos abertos e abafado no varino de surrobeco, sempre atido ao venha a nós, recebia-nos conforme a pingadeira.

– O senhor passou bem?

– Olá, seu pardal! Ainda agora?

– Trouxe uma cesta de batatas, que já entreguei à Sr.ª Marquinhas, e demorei-me um migalho...

– Bem, bem... Amanhã vê se desembelinhas essas pernas.

Quando a dúzia de ovos tardava, ou o fumeiro parecia esquecido, ele próprio lembrava a falta. E até os mais pobres apareciam de saquitel ao ombro. Mas havia dar, e dar... E o tom de acolhimento variava.

– E tu, meu figurão?

– Fui prender a burra...

– A burra tem as costas largas!

E tinha. Escarrapachado nela, todo eu era uma aleluia pela veiga fora, a entoar de fio a pavio a história rimada do *João Soldado*, que paralisava o Marreta, moído de trabalho nos Três Bicos. Parava o enxadão, encostava-se ao cabo, e ficava maravilhado a admirar os versos e a memória do recitador.

Era uma vez um rapaz
Bem nascido e malfadado...

– Queres vir ganhar o dia, a cantar? – perguntava-me de brincadeira, quando lhe passava em frente.

– Não senhor. Tenho de ir para a escola.

– Pois é pena, porque te pagava bem!

O mestre é que não queria saber de devaneios.

– Por hoje, as coisas ficam assim. Mas volta a repetir a façanha, e verás o que te acontece!

Sentava-me na bancada da frente, à esquerda do meu companheiro, o Jerónimo. Num instante, estava pronto. O Sr. Botelho erguia-se então da cadeira, descia o estrado, e ordenava em tom solene:

– Papel de trinta e cinco linhas. Ditado!

A esta palavra, a sala ficava silenciosa. Havia em todos, pequenos e grandes, um sagrado respeito pelo ditado e pelos alunos que o faziam. Enquanto ele durava, claro.

O senhor professor pigarreava, a limpar a garganta do catarro de fumador, e principiava, depois de repetir em voz alta – Ditado:

– O calor dilata os corpos...

Era a hora recolhida da escola. A ninguém apetecia ir lá fora mijar ou satisfazer qualquer outra necessidade. Os da primeira soletravam o bê-á-bá de boca fechada, e quem já sabia contas fazia contas.

O mestre, encostado à secretária, o livro na mão esquerda, a cana-da-índia na direita, continuava:

– O calor, vírgula; a luz, vírgula; o som, vírgula; são agentes físicos. Ponto. Fí-si-cos... Já se não usa o ph, como lhes tenho ensinado. Há ainda certos autores que o empregam, mas só por caturrice...

De facto, o Sr. Botelho percebera que o Júlio Fraga, naquele levar o rabo da caneta à boca, naquele olhar fixamente o tecto, matutava no ph.

– A física é uma ciência... Prestem atenção: ciência! Lembrem-se dos acentos...

E continuava a ditar e a adivinhar os erros e as dificuldades de cada um.

Na dianteira não se podia fazer batota. Ninguém tentasse ensinar ou pedir que lhe ensinassem: era caqueirada de meia-noite. Atrás, porém, o Boca Torta, por mímicas inverosímeis, lá conseguia dar uma ajuda ao Codinhas, sempre aflito com os cês cedilhados.

Suávamos todos. Mas limpávamos pressurosamente as mãos à camisa, não fôssemos borrar a escrita, que havia de ser vista e classificada pelo senhor Inspector, como tínhamos sido solenemente avisados.

Até que saía da boca do mestre o almejado ponto-final-e-disse, secundado por um explosivo ruído de alívio de toda a escola.

Começava então a emenda, com a sua palmatoada, os seus puxões de orelha, a sua choradeira. Mas a canalha miúda, que retomara a voz, não queria saber de desgraças, e seguia cantando monotonamente:

– Bê-á-bá; bê-é-bé; bê-i-bi; bê-ó-bó; bê-u-bu; três vezes um, três; três vezes dois, seis; três vezes três, nove; três vezes nove, vinte e sete...

– Quem morreu foi o Baetas, à porta do cagalhetas... – rematava o Rei Grilo.

E mais ou menos assim acabava a aula da manhã.

De tarde a coisa piorava, por causa das chamadas à pedra.

– Um tanque mede dez metros de comprimento, quatro e meio de largura, e de altura três vezes a décima parte do comprimento. Quero saber quantas pipas de água comporta, tendo a pipa vinte e dois almudes, e o almude vinte e cinco litros.

Era assunto para muita pancada. Pelo tamanho do enunciado, cada um de nós calculava as bolas que lhe cabiam. Metia então inveja

a primeira classe, lá longe, no fundo da sala, junto ao relógio e ao contador.

Bê-á-bá; bê-é-bé...

E nós com um bico-de-obra daqueles!

– Adiante... Adiante... Casca-lhe, Silvino!

Bê-á-bá; bê-é-bé...

O tanque ficava atestado de lágrimas. Os olhos de todos nós pareciam fontes a enchê-lo.

Resolvido o problema, passávamos à História.

– Quem foi o fundador da Dinastia de Avis?

– Foi D. João primeiro, o de Boa Memória, assim cognominado porque...

O rosto do Sr. Botelho ia-se desanuviando. E, quando chegávamos à Educação Cívica, depois da Corografia também papagueada (Nogueira, Bornes, Padrela, Marão, Larouco, Gerês...), a vida parecia um mar de rosas. O mestre falava da pátria, da família, do bom cidadão, e do alto significado da festa da árvore, que já pouco demorava, para a qual andávamos a ensaiar o hino.

Ó escolas, semeai!...

Nos anos anteriores, tinham sido outros os heróis dessa data memorável. A quarta é que abria a cova, aprumava o caule lá dentro, e o estrumava, estacava e regava, depois. A miunçalha das outras classes engrossava apenas o cortejo, esganiçava-se a cantar, e mais nada. Na hora principal, fazia papel de corpo presente. Mas chegara finalmente a nossa vez. E ouvíamos a prelecção patriótica com ar compenetrado, íamos ser em breve os obreiros do futuro, a esperança em marcha, os homens de amanhã. Tudo no acto simples de aconchegar uma raiz à terra...

O raio era o Sr. Botelho, na aula seguinte, começar outra vez pelo princípio!

– Deixa cá ver essas unhas, que eu abro-te as entendedeiras...

E aí voltávamos nós ao inferno dos verbos irregulares, das conjunções subordinativas, dos quebrados e das reduções. Mas no dia da

festa foi realmente bonito. O sol parecia rir-se no céu, o discurso do mestre arrancou lágrimas à assistência, e o olmo que plantámos, a ouvir palmas e foguetes, lá está no largo do povo, alto e frondoso como o sonhámos então.

Rival do Sr. Botelho, e sem recorrer a métodos iguais ao dele, a vida dava-nos também as suas lições quotidianas, numa largueza pedagógica que ia da *Encomendação das Almas,* na Quaresma, ao coro da *Maria Cavaca,* na cava das vinhas.

A *Encomendação* trespassava-me por dentro. A desoras, quando o corpo ia a cair no sono, irrompia do cruzeiro um canto soturno, que escurecia mais o quarto.

Homem, olha que és terra!
Lembra-te que hás-de morrer!
Que hás-de dar uma estrita conta a Deus
Do teu bom e mau viver!

Aninhado na cama, sentia um arrepio a ouvir cada advertência terrível. Aquelas palavras anónimas, fúnebres, regeladas, que pareciam vir do outro mundo, entravam-me na consciência como punhais. Avivavam nela a imagem dolorosa da primeira noite da minha vida. Ainda me recordo de outra mais antiga, mas tão vagamente, que chego a duvidar da sua realidade. Havia pantomina no Eirô, e a maioria da assistência era de canalhada miúda, como eu. Já só me lembro do Faz-Tudo a tocar trombone, e dum canário que desaparecia da gaiola e aparecia dentro do bolso do Arromba. Infelizmente, quando estávamos no melhor da festa, fomos todos corridos a chicote e a pontapé por não darmos nada no peditório. Sei que vim de escantilhão pela quelha abaixo, que bati na esquina da casa, e que no dia seguinte acordei com um grande galo na testa. Uma reminiscência imprecisa, a que nunca consegui dar mais claridade. Noite nítida na memória, a da morte de meu avô.

Foi no pino do Inverno. Dormíamos ambos na casa de cima, onde sempre vivera e quis permanecer quando ficou viúvo. Minha Mãe, de quem a princípio não gostava, e, a poder de mimos, o conquistara de tal maneira que agora a considerava mais do que à própria filha, veio trazer a ceia. Meu avô, depois de comer o caldo sentado na cama e de beber dez réis de aguardente, rezava. Mas os seus Padre-Nossos e Salve-Rainhas eram em verso.

Ó meu Deus imenso
Eu quero ser vosso;
Por isso vos rezo
Este Padre-Nosso.

A vós me encomendo
Com grande cuidado;
A vós que no céu
Estais santificado.

Naquele dia, quando chegou às migas, não quis mais, e eu rapei a malga. Minha Mãe saiu, e ele começou a recitação. De repente, calou-se e mergulhou nos lençóis. A candeia, pendurada na parede, ficou à espera que lhe bufassem. Mas meu avô, em vez de a apagar, pôs-se a revirar os olhos e a rolar na cama. Acabou por se embrulhar na roupa toda e cair ao chão. Bateu primeiro com a nuca na tampa da caixa que servia de mesa-de-cabeceira, e depois ficou estendido no soalho, a babar-se. A aflição não me deixava compreender. Entanguido de frio em cima do enxergão, nu do umbigo para baixo, hesitava entre o silêncio e o alarme. Meu avô roncava e não se mexia. Percebi, finalmente, que estava a morrer. Desatei a berrar, aterrado. Acudiu minha tia Mariana, que morava ao lado, paredes meias. Andava de mal connosco por causa das partilhas. Queria que eu lhe abrisse a porta de comunicação da varanda. Melhor fora! – e gritei mais alto. Minha Mãe lá ouviu, e veio a correr. Chegou primeiro ela, e logo a seguir meu Pai, que já estava deitado. Fui dormir para a cama deles. No dia seguinte de manhã vi meu avô a ser medido pelo Paivoto.

À tarde ainda o tornei a vislumbrar, vestido de preto, estendido num caixão debruado de galões amarelos, com um crucifixo de latão nas mãos encarquilhadas e um lenço branco a segurar-lhe o queixo à cabeça. À hora do enterro, mandaram-me ir fartar a cabra ao lameiro.

O coro da *Maria Cavaca* era doutra natureza, cheirava a pólen e acicatava apenas os instintos. Assim como havia comidas próprias para cada serviço – sopas de mel e vinho nas malhadas, torresmos com batatas a nadar em pingo nas podas –, também em cada um se cantava ou reinava de sua maneira. Nas segadas, já se sabia:

– Aqui-d'el-rei!
– Que tens?
– Cortei-me na mão da ceitoira...
– Quem te cura?
– Pedra dura.
– Quem te ama?
– A Mariana.
– Quem leva o burro?

Diziam o nome de alguém que queriam arreliar, e começava o alarido.

– Leva o burro! Leva o burro! Leva o burro!

Uma vez, em Fonte Codinha, o Ruivo, que tinha mau génio, ficou tão danado com a brincadeira que largou um tiro de espingarda para o meio da leira de pão.

Quando entravam mulheres no que se andava a fazer, as coisas nunca passavam das marcas. Mas nas cavas de Maio, que só metiam gente de barba, era uma pouca-vergonha.

Puta Maria Cavaca
Ou!... Ou!...

Os que trabalhavam no Reguengo começavam, e os da Barrosa respondiam.

Mulher sem nenhum respeito...
Ou!... Ou!...

E logo outros, lá longe:

Das que têm...
Ou!... Ou!...

Na escola só se ouvia bem a réplica dos da Tapada:

E o buraco do cu estreito...
Ou!... Ou!...

O diálogo, cada vez mais obsceno, ia invadindo montes e vales. Mas ninguém tapava os ouvidos. Pelo contrário: todos os aguçavam, a fingir que não prestavam atenção. Até que a aldeia ficava envolta numa nuvem de poeira e de sensualidade. Passava uma rapariga no caminho, em frente das vinhas a rebentar, e os homens enterravam os enxadões na terra e relinchavam.

Entre os dois extremos, havia o Natal e o jogo de confeitos ao rapa, à volta da murra a arder, a matança do porco de madrugada, à luz de fachoqueiros, as fiadas na loja de bois do Varandas, onde eu lia cenas da Bíblia ao povo reunido, o Entrudo, e o Pedro da Joana Pedra, vestido de padre, a enterrá-lo à meia-noite com responsos asneirentos em latim, e a Serração da Velha, que até penicos de urina fazia chover sobre nós.

Serra-se a velha,
Torna-se a serrar...

Ai, minha avozinha!...

Sem falar na Via-Sacra e na desobriga, que antecediam a aleluia da Páscoa.

A Via-Sacra era uma borga. No caminho da igreja, a Maria da Purificação ia à frente a ler o breviário. Enquanto todo o acompanhamento se ajoelhava, batia no peito e beijava o chão, apanhávamos nós pelos barrancos flores de cuco e lírios silvestres. Não sei porquê, a Primavera sabia-nos melhor assim, usufruída rebeldemente nas barbas dos adultos penitentes.

– *As gotas de sangue, que derramou, foram duzentas e trinta mil...*

– *Louvado seja tão bom Senhor...*

– *As lágrimas, que chorou pelos nossos pecados, foram seiscentas mil e duzentas...*

Achávamos demais, e ríamo-nos à socapa.

A desobriga lavava-nos a alma das impurezas do ano.

– Amanhã vais-te confessar – ordenava minha Mãe.

E eu ia. Recitava diante do ralo purificador o rol de pecados veniais, fixava a penitência, recebia a absolvição, e na missa de domingo tomava Nosso Senhor.

Mas nenhuma daquelas comunhões regulamentares valia a primeira, feita ainda debaixo da tristeza ressentida que me deixara no coração a morte de meu avô. Ouvia as orações do catecismo, que as senhoras da doutrina me ensinavam, e repetia em silêncio as orações poéticas dele. Por fim, lá decorei o mistério da Santíssima Trindade e todos os Mandamentos, e pude apresentar-me à Mesa Eucarística. Antes, porém, fiz uma prédica em nome dos comungantes. Foi na Senhora do Amparo. No meio da capela apinhada de gente, subi acima dum mocho, e encomendei a miséria humana à misericórdia divina. Escolheram-me para falar por todos, e tomei o papel a sério. A multidão derramada em lágrimas, e eu, seco como as palhas, a clamar:

– Jesus, meu Salvador, compadece-te da nossa pobre condição de mortais. Dá-nos a força necessária para resistirmos às tentações, a

fim de que no terrível dia do Juízo Final possamos enfrentar de rosto descoberto o resplendor da tua majestade omnipotente...

Nervoso e inseguro a princípio, à medida que ia pronunciando o sermão decorado, sentia crescer dentro de mim uma calma estranha, feita de não sabia que confiança na força das minhas palavras. Tinha a impressão de que falava realmente com Deus, e de que ele me ouvia, obrigado pela convicção que eu punha no que lhe dizia, meio penitente, meio ressabiado. No fim, ufano daquela aventura, ao mesmo tempo íntima e pública, engoli então a sagrada partícula sem a chegar aos dentes, e corri cá fora a acabar de encher a barriga de cabrito assado. Estava em jejum natural desde a meia-noite, e eram duas da tarde.

A olhar a multidão, sentada pacificamente à sombra dos castanheiros do adro da ermida, atenta apenas aos bocados do farnel, mal podia acreditar que fosse a mesma gente que há pouco lutara a ferro e fogo no Eirô. A festa da padroeira realiza-se em Agarez no dia quinze de Agosto. É uma romaria como não há segunda nas redondezas, conhecida em todo o Doiro, que mete poviléu das cinco partes do mundo. Cada povoação da freguesia oferece o seu andor. E todas capricham em apresentar o mais bonito, num despique que já vem dos antigos. Nesse ano, os de Donelo armaram o de S. Brás. Ora acontece que as relações entre Donelo e Agarez nunca foram boas. Há mesmo um ditado em Donelo que diz: *a Agarez ide uma vez, e que não seja pelos vossos pés.* Enfrenesiados de tal maneira uns contra os outros, que até nos enterros é um perigo constante para mortos e vivos. Basta lembrar o que aconteceu no funeral do Cavalaria. Por causa do toque a sinais – os de lá a não quererem largar o sino, os de cá que já bastava de badalar –, foi tudo raso no adro. Há quem diga que o padre nem o defunto benzeu verdadeiramente, porque o sacristão, de escárnio, pôs mijo na caldeirinha.

O andor tinha três lanços, e representava a torre de Agarez. Bofetada dos de Donelo aos brios do povo, por causa dum relógio que já fez a infelicidade de muita gente. Apesar de milhentos peditórios e rifas a seu favor, nunca chegou a ser comprado. Daí a polvorosa

que se levanta sempre que alguém mexe na ferida. E o propósito era precisamente esse: acirrar. Muito em segredo, a bisarma foi armada lá na terra, e S. Brás metido no sítio do mostrador. Francamente!

A procissão sai da igreja às dez e meia, e atravessa Agarez antes de meter pela serra acima a caminho da ermida. Mas em vez de se apresentarem a horas devidas, como os demais, não senhor: só quando ela passava em frente do cruzeiro é que os de Donelo deram sinal de vida.

O Roberto, assim que ouviu estoirar os morteiros anunciadores daquela chegada provocadora, correu perto do pálio a saber ordens do Manuel da Tia, principal mordomo, que pegava a uma das varas.

– Aí vêm eles... – disse.

– Deixa-os vir... – respondeu o outro, a enxugar a testa. – Não se lhes liga importância... Que sigam atrás, se quiserem. E, conforme cantarem, dançamos nós...

– Calma! – recomendou o senhor prior, que, entre dois acólitos – o padre Rego de Paços e o padre Capão de Covas –, levava o santo lenho encostado ao peito.

Os de Donelo entraram pelo caminho velho. O andor, descomunal, bandeava que parecia um castanheiro em Novembro. Só por meio de cordas seguras por quatro homens evitavam que tombasse.

O povo de fora, alheio ao acinte, olhava a maravilha assombrado. Os de Agarez mordiam-se de raiva.

A procissão ia andando. A música de Magueija, que revezava com a de Constantim, tocava o *Queremos Deus.* As zeladoras andavam numa fona para nos manterem na forma.

O encontro foi no Eirô. Como um odre – o vinho de Donelo é trepador –, o farsola do Rodrigo adiantou-se alguns passos dos companheiros e, sozinho no meio da estrada, ergueu as mãos e gritou:

– Pare a procissão!

O animal do Jaloto, que levava o estandarte e abria o cortejo, titubeou, pousou o mastro, e ficou ali a mastigar em seco, lorpa de todo. As figuras foram estacando também, claro.

O Roberto que, entretanto, entrara na venda do ti Faustino a molhar a garganta, quando voltou e deu com os olhos no patife a impedir o caminho, perdeu a cabeça. Dum salto, chegou-se ao do pendão e berrou-lhe:

– Ó meu filho da puta, quem te mandou parar?

– Eu! – fanfarronou o de Donelo.

– Anda para diante, cagão dos infernos! Tens medo dum chafedes daqueles?

– Pare a procissão! – teimou o outro. – Queremos entrar.

– Metam-se atrás, se quiserem.

– Atrás?!

– E por muito favor!

– Os cães é que andam à trela...

E armou-se a trovoada. Siga, não siga, torna que deixa, e ainda o Rodrigo ia a meter a mão ao bolso a sacar da mauser, já tinha as tripas de fora.

Os de Donelo, mal viram cair o de lá, ficaram cegos: ergueram os varapaus e começaram a eito.

Gritaria, correrias, as varas do pálio transformadas em estadulhos, e o próprio padre Capão, de pistola em punho, a defender a pele e a meter os mais assanhados na ordem.

Não morreu ninguém, felizmente, mas chegou para afligir. S. Brás ficou sem um braço, e Santa Ana, que vinha no andor de Arcã, esquadrilhada de todo. O Chichanas, tal mocada levou na cabeça, que teve de ser trepanado. Nunca mais regulou bem.

A procissão continuou, embora desmantelada, e tudo correu normalmente, a seguir. Mas à noite, quando desci a serra, não conseguia chegar à conclusão do que fora mais importante para mim naquele dia: se a apertadinha do barulho, se a conversa que tivera com Deus de cima do banco.

Mas a outra instrução pesava mais na balança, e o Sr. Botelho é que dizia sempre a última palavra.

– Ah, sim?! Nem tu sabes?! Pois vais aprender...

Em família, as palmatoadas, embora doessem, lá se aguentavam. O pior era quando o Albertino, de palanque, gozava a pancadaria. Apesar de ter feito exame, enquanto esperava carta de chamada da Venezuela vinha até à escola para não esquecer o que aprendera. De alguma coisa lhe valia ser filho do Sr. Valadares, secretário

aposentado da Câmara, que passava os dias regalado à sombra do seu caramanchão, e tocava flauta por música. Sem a solfa adiante, não acertava uma. Tanto assim que nas comédias estragou a melhor cena da peça.

Nós somos três, só três, só três
Amigalhaços, irmãos unidos...

A orquestra, composta pelos graúdos da terra, mal o Taborda, o Seara e o Lourenço entraram no palco, abriu fogo. Ora sucedeu que o Sr. Valadares trocou os papéis e pôs na estante uma valsa. Os companheiros, quando ouviram o assobio desviado, começaram a fazer-lhe sinais, a dar-lhe pisadelas, e o do rabecão, sempre que podia, cotoveladas. Qual o quê! Continuou de rota batida. Só deu pelo engano no fim, ao ver que acabara antes dos outros sem sair do compasso. Falava de escárnio a toda a gente, numa vozinha cacarejada. Um dia a guarda saiu-lhe ao caminho, a exigir a licença dum cãozito que trazia sempre atrás, quase sem pernas, que parecia um lagarto. Nem sequer parou. Seguiu a direito, aos saltinhos, e só disse:

– Não precisa. É de luxo. Tomaram vocês ser como ele!

Em vez de cortar a corda às cabras que lhe prendiam nos montes conforme fazia o Sr. Arnaldo, rapava-lhes a pêra, que nunca mais crescia. E aí ficava o dono desgraçado, porque na feira já ninguém dava dez réis pela chiba barbeada.

Mas sempre era o Sr. Valadares, e sabia muito de flores. Dava gosto ver as azáleas, os lilases e os rododendros que tinha no jardim.

O Albertino circulava à vontade. Nem licença pedia ao senhor professor para entrar na sala. Às vezes pouco se demorava. Corria os olhos, com ar de doutor, pela escrita deste ou daquele, e largava. Outras, ficava para assistir à aritmética, às ciências, e tomar a lição aos da primeira. Garantia que o cachimbo que trazia escondido no bolso, e de onde nos deixava tirar uma fumaça a troco do que calhava, era oferta do pai, que nunca estava sem um pendurado nos beiços. Mentira, se calhar, mas quem sabia lá os usos dos ricos?

Ninguém gostava dele, e até os mais pequenos lhe refilavam quando se fazia fino e zumbava em algum. Ou ouvia o nome da mãe, ou levava uma heróica canelada à falsa-fé. Figurão dentro da escola, porque sentia as costas quentes – parece que o Sr. Botelho devia o lugar à influência do pai –, na rua baixava mais a grimpa. Procurava insinuar-se, com promessas de estoques, navalhas e dióspiros, que nunca trazia.

– Amanhã... Hoje não pôde ser... Sábado sem falta, com duas folhas...

Uma tarde o mestre deixou-se dormir à secretária. E, tirante o Reinaldo, que teve o descaramento de lhe ir pintar uns bigodes, todos faziam o possível para o não acordar. Era um feriado que nos caía do céu. Os grandes apanhavam moscas, e os pequenos seguiam o exemplo de cima, e ressonavam pacificamente.

Às tantas, o Albertino entrou, como de costume, sem dar cavaco a ninguém. Vinha a modos de quem não quer a coisa, a fingir-se distraído. Mas assim que deu conta que o mestre dormia, chegou-se afoitamente às carteiras da frente com ar misterioso. Sentou-se na ponta do meu banco, ao lado do Jerónimo, e, perante o nosso assombro, tirou do bolso uma pistola de dois canos.

O Jerónimo, que tinha o pai vendeiro e sacava da gaveta o que podia, ofereceu-lhe à queima-roupa dois tostões por ela. Uma fortuna! O Albertino é que abria mais a boca. Pedia quatro. Dou, não dou, e lá fecharam o negócio. Eu, em ânsias. Sempre sem cheta, deixara já escapar a oportunidade de comprar ao ti Campeã um jerico acabado de nascer, lindo, que ele me vendia por cinco réis, se o capital lhe fosse apresentado logo ali.

Realizado o contrato, o Albertino saiu, mas não se demorou. E, já com todo o desplante – o mestre, debruçado em cima da secretária, cada vez roncava mais –, exibiu outra pistola, de menos calibre, que acabou por ceder quase de graça ao Silvino. E assim continuou naquela dobadoira, de fora para dentro e de dentro para fora, a armar a quarta classe. A mim entregou-me um revólver de cabo de madrepérola, sob compromisso de eu lhe trazer no dia seguinte seis maçãs castanholas, um bolso de figos e outro de castanhas secas.

Até que o mestre acordou estremunhado. Passava das cinco. Havia em todos nós uma grande excitação – ao mesmo tempo contentamento pela posse do tesouro, medo do resultado que podia dar o desacato do Reinaldo, e vontade de rir daquela cara de lua cheia embigodada –, mas o Sr. Botelho, que noutras ocasiões parecia que nos adivinhava os pensamentos, tão atrapalhado ficou ao ver-se culpado, que não deu por nada. Esfregou os olhos, espreguiçou-se e mandou-nos sair.

Soltos, cada qual, em rigoroso segredo, tomou posse da sua arma, que o Albertino, depois da venda feita, enterrara na ribanceira dos sabugueiros, a privada da escola, lugar de completa segurança. E era debaixo de torrões e folhas secas que saía o milagre.

O Vidal, apesar de burro como nós sabíamos, foi o único que se lembrou de perguntar ao Albertino onde arranjara tanto armamento. Respondeu que fora o pai. O pai que lhe dava muita coisa.

O meu revólver não tinha gatilho, nem lhe fazia desarranjo. Os dos outros ainda eram menos perfeitos. Ao do Júlio, por exemplo, faltava-lhe o cilindro das balas. Mas dava-me tanta alegria ser dono dele, tanta felicidade, que nesse dia, à noitinha, até fui apanhar um molho de milhãs à burra, com grande espanto e satisfação de meu Pai. Mal ele imaginava que, por detrás daquele súbito desvelo, estavam a má consciência da posse da arma e a necessidade de remir um pecado ainda maior, que ajudara a cometer na véspera, precisamente contra a raça sendeira.

Andávamos aos ninhos para o senhor professor. Pelava-se por gemadas de ovos de perdiz e melros novos assados nas brasas, e todos os alunos o abasteciam. E foi casualmente que demos com o macho do Venâncio abandonado na Borralheda, à mercê da morte. Para evitar a trabalheira de enterrar o infeliz, chegado ao termo da existência, o almocreve levara-o pacientemente à arreata até ali, e ali o deixara exausto, estendido, sem forças nas pernas para uma passada mais.

– E se a gente acabasse com este desgraçado por uma vez?

A ideia saiu da cabeça do Lourenço.

– É verdade. Dava-se-lhe uma mocada na tola, e pronto. Escusava de estar para aqui a sofrer. Já que não tem conserto...

– Valeu! Quem há-de ser?

– Todos, à uma... – lembrei eu, antes que me escolhessem.

– Nem mais! Assim, é pela certa.

Armados cada qual de seu varapau, aproximámo-nos do moribundo, na pia convicção de que só havia misericórdia no nosso propósito. E, misericordiosamente, deixámos cair sobre ele os landreiros.

O animal, deitado e entorpecido, diante da inesperada agressão, teve um arranco e levantou-se nas patas dianteiras.

– Olha o tipo a fazer-se fino!

– Tiram-se-lhe as peneiras... Vá lá outra vez, com mais força!

Certos como malhadores numa eira, descarregámos, energicamente, segunda dose de caridade.

Mas, decididamente, o macho não compreendia. Estúpido e teimoso, refilava, agarrava-se à vida. Tentava erguer-se, resfolegava ruidosamente, queria escoicinhar e morder.

– Então não é mesmo de palerma?! O grande estafermo!

Diante daquela obstinação que se nos opunha, não podíamos evitar que o espanto se transformasse em raiva, e a raiva em crueldade.

– Quem tem uma navalha?

Com certa relutância, apresentei a minha. E voltei a cara logo a seguir, para não ver a lâmina aguçada varar a pele distendida do odre lazarento.

Uma invisível nuvem de pestilência adensou o mormaço da tarde.

– Parece uma bexiga a esvaziar!

Sem arredar pé, aguentámos estoicamente o pivete, na esperança de que, através da ferida aberta, aquela vida teimosa se extinguisse. Oh! Oh! Dava a impressão, até, que o golpe aliviava o filho da mãe, à laia de segunda serventia.

– Ferra-lhe outra!– aconselhou o Leopoldo.

– Não vale a pena. Deixem cá ver um pau aguçado.

Solícitos, sem qualquer peso na consciência, fabricámos à pressa a arma pedida. E foi a rilhar os dentes que, através do golpe, a vi entrar aos repelões pela carcaça do condenado.

Atingido no cerne, o inconformado monte de carne começou a aquietar-se.

– Já não refilas tanto! Ou cuidavas que fazias pouco de nós?

Excitados por aquele triunfo, pusemo-nos então a explorá-lo a fundo. E cada qual começou a varar o mísero pela boca, pelo traseiro, pelas ventas, por onde a ponta dos paus podia entrar.

Sucumbida, a azémola deixou de reagir. E não chegámos a saber ao certo o momento preciso em que morreu, por já só ter dois buracos vazios no sítio dos olhos.

Com nojo e pavor da navalha assassina, que até ali servira apenas para fazer flautas, pionas e navios de corcódea, e nunca esperara ver enterrada na barriga dum burro podre, concentrei toda a minha ternura naquele revólver terrível e generoso, que matava sem balas e sem gatilho, que dormia escondido na hera do muro do quintal, mas afugentava do meu sono agitado as bruxas de Roalde e os ladrões de Abaças, vinte ou trinta que fossem.

Nessa noite, por acaso, as bruxas não apareceram, e apenas dois ladrões entraram no pesadelo. O bom e o mau. O bom estava à direita, e o mau à esquerda. Jesus Cristo no meio, pregado como eles na cruz. Cá em baixo, as santas mulheres, vindas da Galileia, choravam. Uma delas, a mais nova, parecia irmã gémea da rapariga que fizera o papel de Maria Madalena nas endoenças em Paços, que fui ver com meu Pai. O Sr. Botelho, de bigodaça, é que era agora o Centurião, e tinha a esponja de fel na ponta da cana-da-índia. Vai nisto, ouve-se um tiro, e o Nazareno inclinou a divina cabeça. O senhor professor, então, começou a berrar.

– Seu tratante! Seu patife! Emende! Emende! Emende!

Jesus Cristo não respondia, e Nicodemos e José de Arimateia começaram a descê-lo lá de cima. Daí a pouco, no chão, estendido no lençol, o cadáver metia pena. E o Sr. Botelho ainda a pedir-lhe a mão!

– Venham de lá essas unhas! Vamos!

– Larga-o! Larga-o! – gritava-lhe a Sr.ª Marquinhas.

– Qual larga, nem meio larga! Não sabe, come do coco!

Mas, quando menos se esperava, Cristo ergueu-se da mortalha, subiu ao céu, e o mestre ficou ali de boca aberta como um palerma. Bem feito!

Pena a burra roncar na loja e ter-me acordado.

Entrei na escola a olhar de esguelha o senhor professor. Nada. Nem sinais de bigode, nem mostras de estar zangado. Graças a Deus, tudo corria às mil maravilhas. Os sonhos eram maluquices.

– As nossas possessões ultramarinas...

De repente, sem darmos conta de se ter aberto a porta da rua, o ti Manuel Serralheiro surgiu dentro da sala.

Chapéu na mão, cumprimentou o mestre, que interrompera o ditado, olhou-nos com ar carrancudo durante algum tempo, e, por fim, pôs-se a falar pausadamente, dando a cada palavra a intonação particular.

– Sr. Botelho: vim aqui tratar dum assunto muito grave. Os seus alunos foram à minha oficina e roubaram-me quantas armas lá tinha para compor. De maneira que vou metê-los a todos na cadeia. Estamos diante dum bando de salteadores, e é preciso cortar o mal pela raiz. Mas, antes de chamar a guarda e de avisar os pais, resolvi ter esta atenção com o senhor professor. Ladrões! Não se envergonharem! Só cá nos faltava mais esta! Até aqui, já ninguém era senhor dum vidro inteiro numa janela ou dum bago a pintar nas vinhas. Agora, é isto: entra-se à sorrelfa na casa alheia, e por aqui me sirvo. Mas desta vez bateram a ruim porta. Há-de-lhes ficar de emenda, que lho garanto eu! No fim da aula, marcham todos para Vila Real. E o resto se verá...

Não era preciso tanto. Nós, os da quarta, parecíamos o pano da Paixão. Os outros, os pequenos, estavam de olhos esbugalhados, pálidos, a pressentir grande desgraça. A maior parte, lacrimejava. O Rei Grilo guardava uma prudente serenidade.

Este Rei Grilo é hoje um caixeiro vulgar em Setúbal. Mas naquele tempo era alguém. Mirrado de corpo, de olhitos muito vivos e dentes ralos e miudinhos, parecia um furão. Quando menos se esperava, a propósito e a despropósito, atirava à cara das pessoas, fosse quem

fosse, umas gargalhadas estridentes, que desarmavam o mais pintado. Mestre e tudo. E, ainda por cima, a história da Nacha.

A rapariga, que quase podia ser mãe dele, andava ao mato na Bouça, numa altura em que o Rei Grilo apareceu às pútegas. E a maluca, mal o viu, que lhe queria um recado ao ouvido. Confiado, o Rei chegou-se perto. Ela, então, agarrou-o, deitou-se no chão, levantou as saias, e pôs-se para ali a fazer tolices... O Rei ria-se da brincadeira, a cuidar que era igual às que costumávamos ter com as companheiras da nossa idade, a fingir de casados. Mas quando a Nacha lhe ferrou os dentes no pescoço, desconfiou e começou a berrar. Felizmente que apareceu a Lúcia e pôs termo àquilo. Senão...

A novidade chegou à escola nestas palavras:

– A Nacha queria desonrar o Rei Grilo.

Tinha celebridade, e mais frequentava apenas a terceira.

O mestre ia ouvindo o ti Manuel Serralheiro, sem dar mostras da mais pequena indignação. De vez em quando abanava a cabeça ou erguia as sobrancelhas, em sinal de espanto, e mais nada. Eu sentia na garganta e no peito um aperto tão grande, que chegava a tossir, de engasgado.

Até que a acusação chegou ao fim. O senhor professor, então, levantou-se e, de cima do estrado, disse:

– Vou já tratar do caso, Sr. Manuel. Não se aflija. E até aproveito para ajustar outras contas...

A seguir, relanceou a escola com os olhos raiados, aqueles olhos do Sr. Botelho, e, depois, muito manso, começou:

– Ontem, pelos vistos, aproveitaram bem a tarde. Houve tempo para tudo. Para roubar, para desrespeitar... Enfim, um pagode. Quem foi ou quem foram os heróis dessas façanhas todas?

A miudagem berrou em coro:

– Eu cá não, senhor professor! Eu cá, não!

Mas dos grandes ninguém tugiu nem mugiu. O mestre teve um sorriso irónico.

– Quarta classe, à mesa.

Apresentámo-nos.